

O ATRASO COMO CONDIÇÃO DA CRÍTICA: PAULO ARANTES SOBRE *A IDEOLOGIA ALEMÃ*

BACKWARDNESS AS A CONDITION TO CRITIQUE: PAULO ARANTES ON *THE GERMAN IDEOLOGY*

Gisele Zanola*

RESUMO: Neste artigo, apresentamos a novidade interpretativa de Paulo Arantes sobre os manuscritos de *A ideologia alemã*: a compreensão de que o problema fundamental da Dialética – a mediação entre o universal e o particular, ou, o acerto de contas entre a ideia e a realidade efetiva – persiste precisamente na consideração de Marx e Engels sobre o atraso político e econômico da Alemanha do *Vormärz* e na forma com que a filosofia pós hegeliana expressa esse atraso. Ao enfatizar a crítica dos universais de Stirner como fundamental para a própria crítica da ideologia de Marx e Engels, Arantes tanto se difere da história da recepção clássica desses manuscritos, que centraliza a crítica dos autores a Feuerbach, quanto antecipa a posição difundida na bibliografia recente sobre Marx e Engels, sem recorrer, contudo, a estudos filológicos, como faz a literatura em torno do projeto MEGA² desde os anos 1990. Com isso, o texto que se toma comumente como uma saída da filosofia em direção ao chamado materialismo histórico pode ser lido como uma “negação determinada [ao idealismo] [...] cujo materialismo, vê-se logo, não se detém na redução das ideias à matéria literal que as suporta” (Arantes, 1996, p. 369).

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Arantes; A ideologia alemã; crítica da ideologia; dialética; atraso

ABSTRACT: In this article, we present Paulo Arantes’ interpretative novelty to the manuscripts of *The German Ideology*: the understanding that the fundamental problem of Dialectic – the mediation between the universal and the particular, or, the settling of accounts between the idea and the effective reality – persists precisely in Marx and Engels’ consideration of the political and economic backwardness of *Vormärz* Germany and in the way in which post-Hegelian philosophy expresses this backwardness. By emphasizing Stirner’s critique of universals as fundamental to the Marx and Engels’ critique of ideology, Arantes both differs from the history of the classical reception of these manuscripts, which centralizes the authors’ critique of Feuerbach, and anticipates the widespread position in recent bibliography on Marx and Engels, without resorting, however, to philological studies, as has been done in the literature surrounding the MEGA² project since the 1990s. With this, the text that is commonly seen as a departure from philosophy towards the so-called historical materialism can be read as a “determinate negation [to idealism] [...] whose materialism, it can be seen immediately, does not stop at reducing ideas to the literal matter that supports them” (Arantes, 1996, p. 369).

KEYWORDS: Paulo Arantes; German ideology; critique of ideology; dialectic; Backwardness

Neste artigo, apresentamos a interpretação de Paulo Arantes sobre os manuscritos de *A ideologia alemã* desenvolvida em três artigos redigidos em meados dos anos 1970, quais sejam,

* Doutoranda em filosofia pela Universidade de São Paulo. E-mail: gisele.carvalho@usp.br. Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado financiada pela CAPES (processo n° 88887.625681/2021-00) e pela FAPESP (processo n° 2021/06824-1). Uma versão reduzida dele foi apresentada no evento Marxist Readings of Hegel, realizado no Departamento de Filosofia da USP em 2023. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7614-6132>. Agradeço a orientação do Prof. Dr. Luiz Sérgio Repa, a organização do evento pela Dra. Renata Guerra e a leitura atenta dos pareceristas.



“Ideia e ideologia – a propósito da crítica filosófica nos anos 1840 (alguns esquemas)”, escrito em 1975; “Entre o nome e a frase”, de 1977; e “O Partido da Inteligência”, de 1978, incluídos posteriormente como Apêndice em seu livro *O ressentimento da dialética: Dialética e experiência intelectual em Hegel (Antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã)*, publicado em 1996. Influenciado pelo pensamento hegeliano, bem como pelo artigo de Roberto Schwarz intitulado “As ideias fora do lugar”, de 1973,¹ Arantes vê no tema do atraso a chave para a compreensão da crítica da ideologia presente nos manuscritos de Marx e Engels, já que a universalidade da ideologia alemã, por ser índice do descompasso entre o interior e o exterior da Alemanha, abre a possibilidade para que ela seja contraposta à realidade efetiva, e, portanto, para que ela seja condição da crítica à ideologia em geral, como à própria realidade efetiva.

Uma tal interpretação, desenvolvida em meados dos anos 1970, ao enfatizar a crítica dos universais de Max Stirner como fundamental para a própria crítica da ideologia de Marx e Engels, tanto se difere daquela da história da recepção clássica desses manuscritos, que mesmo observando a extensão da crítica destinada a Stirner (o capítulo III. São Max ocupa mais de 300 páginas) usualmente centraliza a crítica de Marx e Engels a Feuerbach – a exemplo de Althusser (1980), Avineri (1968), Mészáros (2005) –, quanto antecipa a posição mais difundida na bibliografia recente sobre Marx e Engels, a saber, a centralidade da crítica da filosofia de Stirner em *A ideologia alemã*, partindo de uma perspectiva diametralmente oposta àquela erigida pela literatura em torno do projeto MEGA² desde os anos 1990 – como, por exemplo, no aparato crítico da MEGA² I/5 (Marx; Engels, 2017), em Pagel (2020) e Johnson (2022) –, já que esta última utiliza, para tal conclusão, apenas estudos filológicos e não filosóficos. Com isso, o texto que se toma comumente como uma saída da filosofia em direção ao chamado materialismo histórico, ou à “ciência da história”, pode ser lido, segundo Arantes, a partir da filosofia hegeliana e por meio dela, sendo a crítica da ideologia, uma “negação determinada [ao idealismo] [...] cujo materialismo, vê-se logo, não se detém na redução das idéias à matéria literal que as suporta”.²

Sem deixar de apontar os problemas relativos à incompletude dos manuscritos e seu impacto sobre a leitura, o grande volume textual dedicado a Stirner se justifica, para Arantes, não apenas por seu caráter polêmico contra um jovem hegeliano, mas sobretudo em vista da

¹ SCHWARZ, R. As ideias fora do lugar. In: **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2012.

² ARANTES, P. E. **Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel: antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 369.

obra de Stirner ter suscitado uma mudança qualitativa na forma com que Marx e Engels conduziam seu pensamento até então. Quando, em *O Único e sua propriedade*, Stirner combate a onipotência das ideias universais sobre os indivíduos, Marx e Engels obtêm acesso a um conteúdo filosófico que, por levar ao absurdo a crítica jovem hegeliana ao idealismo e à religião, faz notar que toda discussão precedente compreendeu a dominação sobre os indivíduos como uma dominação relacionada ao poder das ideias. Isso representou, para Marx e Engels, o reconhecimento de um limite da teoria da alienação feuerbachiana – que era pano de fundo de sua crítica da alienação política, de sua crítica da alienação do trabalho e de sua crítica aos jovens-hegelianos anteriormente publicada –, na medida em que ela, mesmo fora de seu quadro conceitual original, a crítica da alienação religiosa, traz como parâmetro a ideia universal da essência genérica (*Gattungswesen*) do Homem.³

É nesse sentido que, para Arantes, “é menos na ruptura de Marx com Feuerbach do que no seu confronto com Stirner que melhor se pode surpreender o momento de cristalização de dois estilos antagônicos da crítica das ideias ‘dominantes’”,⁴ quais sejam, a crítica das ideias universais de Stirner e a crítica da ideologia de Marx e Engels.⁵ Não obstante a crítica dos universais de Stirner ter apontado para Marx e Engels a insuficiência de partir das próprias ideias universais para avançar na crítica da dominação real sobre os indivíduos, os autores não reivindicam uma particularidade abstrata, como o *Único*, ou um materialismo empirista contra os universais filosóficos, porque isso significaria corroborar com a crença jovem hegeliana de que são as próprias ideias a fonte da dominação.

Como sublinha Arantes, o atraso político e econômico alemão em face dos desenvolvimentos político e econômico francês e inglês, isto é, em face das revoluções burguesas e da consolidação do mercado mundial (com a indústria e o comércio) é central para compreender o

³ A crítica da alienação política se encontra na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, de Marx; a crítica da alienação do trabalho está presente nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, de Marx, e no “Esboço para uma crítica da economia política”, de Engels; ao passo que a crítica aos jovens-hegelianos está em *A sagrada família*, de ambos.

⁴ ARANTES. *Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel: antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã*, p. 369.

⁵ Notamos que Andreas Arndt, em 1985, sem fazer referência a Paulo Arantes, chegou a muitas dessas conclusões anos depois, principalmente na ideia de que a crítica da filosofia pós hegeliana, como a crítica à ideologia em geral, enxergava a necessidade de prescindir de uma categoria universal, como o Homem, sob o risco, alertado por Stirner, de se recair na filosofia especulativa, bem como a necessidade de prescindir da categoria do *Único*, do *Eu*, stirneriana, sob o risco de realizar uma espécie de “despedida absurda da filosofia”, no que Marx e Engels se veem forçados a eliminar os resquícios filosóficos universalistas de sua posição, quer dizer, eliminar “a abstração do gênero humano como sujeito da história”. Cf. ARNDT, A. *Karl Marx: Versuch über den Zusammenhang seiner Theorie*. Berlin: Akademie Verlag, 2012, p. 50.

estatuto da crítica da ideologia alemã realizada por Marx e Engels. Isso porque o passo crítico fundamental de Marx e Engels na remissão das representações ideológicas à sua origem aponta para a forma com que a filosofia alemã herdeira do pensamento de Hegel toma suas representações filosóficas como a própria realidade efetiva: segundo os autores, “Dado que para esses jovens-hegelianos as representações, os pensamentos, os conceitos [...] são considerados os autênticos grilhões dos homens [...] então é evidente que os jovens-hegelianos têm de lutar apenas contra essas ilusões da consciência”.⁶

Diferentemente das interpretações encontradas no marxismo sobre os manuscritos de *A ideologia alemã* segundo as quais a crítica da ideologia compreende a filosofia alemã – especialmente a jovem hegeliana – como mero *reflexo* da ausência de desenvolvimento prático na Alemanha, Paulo Arantes interpreta que a crítica de Marx e Engels identifica o caráter universalizante da filosofia alemã como resultado da *relação* entre a estrutura econômica e política alemã e a estrutura econômica e política inglesa e francesa. Nesse sentido, se, por um lado, as ideias ganham uma “vida superlativa” na Alemanha, por outro lado, sua universalidade dá a possibilidade de que ela seja contraposta à realidade dupla – mediada – que a sustenta, o que logo denuncia sua impropriedade.

A interpretação corrente de que a ideologia, para Marx e Engels, consiste em um reflexo da realidade atrasada alemã apresenta, de modo geral, a crítica dos autores como dotada de um “vinco sociologizante comprometedor”, o que de fato pode ser depreendido de algumas passagens. Quando a crítica de Marx e Engels identifica que “a situação da Alemanha no final do século passado se reflete plenamente na *Crítica da razão prática*, de Kant”,⁷ a relação entre a filosofia alemã e a chamada miséria alemã, ou o atraso alemão, é comumente interpretada como sendo imediata.⁸ Contudo, para Arantes, não é a realidade meramente alemã aquela representada pela filosofia especulativa alemã, senão a realidade efetiva marcada pela relação entre o interior e o exterior da Alemanha, entre a realidade econômica e política alemã e a realidade econômica e política de outros países.

⁶ MARX, K.; ENGELS, F. **Marx-Engels Gesamtausgabe. Erste Abteilung: Werke, Artikel, Entwürfe, Band 5: Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke.** Berlin: Walter de Gruyter, 2017, p. 7; MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, p. 84.

⁷ MARX; ENGELS. **Marx-Engels Gesamtausgabe. Erste Abteilung: Werke, Artikel, Entwürfe, Band 5: Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke**, p. 248; MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*, p. 192.

⁸ Embora Arantes não nos diga nominalmente quais são os representantes dessa posição, ela pode ser encontrada em autores como Althusser e Perry Anderson. ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980; ANDERSON, P. **Considerações sobre o marxismo ocidental: nas trilhas do materialismo histórico**. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Boitempo, 2019.

Quanto à economia, o desenvolvimento da manufatura na Inglaterra do século XVIII levou à consolidação de um mercado consumidor mundial, que, por sua vez, aumentando cada vez mais a demanda, impeliu o desenvolvimento da grande indústria. Marx e Engels apontam três características da grande indústria, fundamental para seu argumento de comparação com a Alemanha: a aplicação da mecânica teórica emergente na invenção de maquinaria, a livre concorrência e a divisão do trabalho desenvolvida. Tal é o quadro em que a Inglaterra desponta como vanguarda do desenvolvimento das forças produtivas, do qual participam também países como a França, os Estados Unidos e a Holanda. Quanto à Alemanha, seu comércio continuava a ser muito limitado, uma vez que as relações de propriedade eram ainda muito marcadas pelos resquícios do feudalismo, isto é, pela pequena propriedade rural empobrecida, pela localidade e pela fragmentação em “pequenos principados e cidades-reinos”⁹. Essa situação era ainda mais agravada com o fato de que a Holanda, com sua intensa participação no comércio, dominava os portos da Alemanha, cortando “o acesso da Alemanha ao comércio mundial”¹⁰. Além disso, a manufatura de linho alemã ganhava importância no momento em que a indústria têxtil já estava sendo mecanizada na Inglaterra, demonstrando, assim, seu atraso produtivo e a recepção da divisão do trabalho e do mercado mundial de fora para dentro de seus limites.

Com efeito, a forma com que a Alemanha recebe teoricamente o desenvolvimento produtivo internacional e, portanto, essa alienação do trabalho que pressupõe tal desenvolvimento, depende, sobretudo, da alienação do trabalho que ocorre no seu interior. A divisão do trabalho, que distribui desigualmente os bens de consumo como as atividades produtivas, quando se torna divisão do trabalho entre trabalhos material e espiritual, produz uma classe de ideólogos responsáveis exclusivamente pela produção de ideias. Da mesma forma como a força produtiva oriunda da cooperação dos indivíduos se torna para eles uma força estranha, os produtos ideológicos que os filósofos distribuem como se estivessem em uma “feira livre” assumem uma força tamanha que eles próprios pensam lidar com uma força real:

Na história que se deu até aqui é sem dúvida um fato empírico que os indivíduos singulares, com a expansão da atividade numa atividade histórico-mundial, tornaram-se cada vez mais submetidos a um poder que lhes é estranho (cuja opressão eles também representavam como um ardil do assim chamado

⁹ MARX; ENGELS. *Marx-Engels Gesamtausgabe. Erste Abteilung: Werke, Artikel, Entwürfe, Band 5: Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke*, p. 249; MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*, p. 194.

¹⁰ MARX; ENGELS. *Marx-Engels Gesamtausgabe. Erste Abteilung: Werke, Artikel, Entwürfe, Band 5: Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke*, p. 248; MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*, p. 193.

espírito universal etc.), um poder que se torna cada vez maior e que se revela, em última instância, como mercado mundial.¹¹

Sobre o segundo ponto: politicamente, a burguesia inglesa, vinculada à manufatura, organizou-se enquanto classe e disputou o poder político a partir da deposição do rei Carlos I (1640), conquistando-o, de fato, na Revolução Gloriosa (1688), em um pacto com a aristocracia na ocupação do Estado. Quando a burguesia francesa derrubou por completo a dominação da aristocracia a partir de 1789, sua emancipação política também foi resultado de sua organização política – já enquanto classe econômica. Marx e Engels ressaltam que a organização política para a tomada de poder, tanto pela burguesia inglesa quanto pela burguesia francesa, dependia majoritariamente da apresentação de seus interesses particulares como interesses de toda a sociedade, isto é, interesses gerais. Em contrapartida, segundo Marx e Engels, a burguesia alemã não havia até então alçado à condição de classe política organizada, capaz de universalizar seus interesses políticos particulares, porque sua condição econômica possuía um *caráter* essencialmente pequeno-burguês, resultado das guerras camponesas do século XVI que destruíram a unidade política em torno da velha nobreza e que fizeram persistir várias características das relações de propriedade feudais. Com isso, a fragmentação política e econômica significou uma barreira ao surgimento da burguesia na Alemanha.

De maneira geral, conforme Marx e Engels, a apresentação do interesse particular de uma classe como interesse do todo da sociedade é característica do processo de tomada e manutenção do poder político, já que, inevitavelmente, o interesse do todo da sociedade e o interesse particular de uma classe são contraditórios.¹² Se, no caso do Estado moderno inglês e francês, a universalidade do interesse de uma classe tornava-se mera ilusão tão logo o exercício do poder político pudesse contradizê-la; na Alemanha, o Estado moderno é, ao mesmo tempo, imposto a partir de fora – principalmente pela pressão da monarquia francesa a partir de 1830 – e recepcionado, interiormente, com a ausência de classes que organizem seus interesses, porque há apenas “estamentos passados e classes ainda não nascidas”.¹³ Assim, o Estado alemão, diferentemente do francês e do inglês, constitui-se como uma entidade autônoma, independente de qualquer interesse de classe. Novamente, a Alemanha “traduz” o Estado moderno, ou seja,

¹¹MARX; ENGELS. *Marx-Engels Gesamtausgabe. Erste Abteilung: Werke, Artikel, Entwürfe, Band 5: Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke*, pp. 41-42; MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*, p. 40.

¹² Cf. MARX; ENGELS. *Marx-Engels Gesamtausgabe. Erste Abteilung: Werke, Artikel, Entwürfe, Band 5: Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke*, p. 37; MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*, pp. 33-37.

¹³ MARX; ENGELS. *Marx-Engels Gesamtausgabe. Erste Abteilung: Werke, Artikel, Entwürfe, Band 5: Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke*, p. 249; MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*, p. 194.

o liberalismo político, para os seus termos: para Marx e Engels, a luta que Stirner empreende contra o domínio dos universais reconhece a autonomia do Estado alemão (na luta contra a dominação da ideia do Estado) e a ojeriza pequeno-burguesa ao livre-comércio (na luta contra a dominação da ideia de liberdade) e à organização política (contra a ideia de igualdade).

Essa posição está fundada em certa interpretação da seguinte passagem de Marx e Engels:

Enquanto a burguesia francesa se alçava ao poder mediante a revolução mais colossal que a história conheceu e conquistava o continente europeu, enquanto a burguesia inglesa, já politicamente emancipada, revolucionava a indústria e subjugava politicamente a Índia e comercialmente o resto do mundo, os impotentes burgueses alemães só conseguiam ter “boa vontade”. Kant se contentou com a simples “boa vontade”, mesmo que ela não desse qualquer resultado, e situou a realização dessa boa vontade, a harmonia entre ela e as necessidades e os impulsos dos indivíduos, no além. Essa boa vontade de Kant corresponde totalmente à impotência, ao abatimento e à miséria dos burgueses alemães, cujos interesses mesquinhos nunca foram capazes de evoluir para interesses nacionais e coletivos de uma classe, e que, por isso mesmo, foram continuamente explorados pelos burgueses de todas as outras nações.¹⁴

O ponto central é que a interpretação que atribui a produção filosófica *diretamente* ao seu contexto imediato ignora que o formalismo kantiano não se relaciona apenas com a realidade próxima alemã, mas à relação entre o interior da Alemanha e seu exterior que a filosofia expressa na mesma medida em que, recepcionando as ideias liberais da Revolução francesa, dá a elas um fundamento ideal. Em outras palavras, a falta de organização política da burguesia alemã no século XVIII, contraposta à organização política da burguesia francesa revolucionária, é expressa pela filosofia de Kant de modo que o liberalismo político é convertido na universalidade da moral. Ao mesmo tempo que a universalidade da moral esconde a realidade política francesa, porque abstrai o contexto político de busca pela universalização dos interesses da burguesia, possibilita a Kant realizar a crítica da realidade política francesa, do Terror revolucionário, já que ele não atende a Liberdade que primeiramente reivindicava. Desse modo, a própria abstração conceitual tipicamente filosófica kantiana, resultado do descompasso real, dá a possibilidade de acessar esse mesmo descompasso em forma de crítica. Conforme Paulo Arantes:

É verdade que um presente inóspito é propício ao florescimento dos sucedâneos, sobretudo se confrontado com uma norma “ideal”. Com efeito, um não

¹⁴MARX; ENGELS. *Marx-Engels Gesamtausgabe. Erste Abteilung: Werke, Artikel, Entwürfe, Band 5: Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke*, p. 248; MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*, p. 193.

vai sem o outro, pois, quando o desenvolvimento das ideias substitui um desenvolvimento histórico ausente, este já foi pensado nos termos daquele, cujas determinações, em contrapartida, não são assim tão puras a ponto de perder a referência aos conflitos reais de uma história que se desenrola noutro lugar. A “idealização” que define o classicismo alemão especifica-se neste confronto metódico. Noutras palavras, o descompasso da “miséria alemã” condena igualmente o pensamento, nisto fiel ao duplo presente que a caracteriza, à Dialética, ou seja à árdua tarefa de acertar o passo com as coisas e as ideias que o cercam aquém e além fronteira.¹⁵

Como o conceito se relaciona de forma mediada com a realidade da qual provém, as exigências do próprio conceito – puro, universal – podem ser contrapostas à realidade. Apenas tomadas como tais as ideias podem ser contrapostas àquilo que pretendem exprimir da realidade. Percebe-se como Kant é o primeiro a tentar acertar o passo entre as coisas e as ideias ao postular que a realidade deve atender à exigência do conceito: quando o desenvolvimento das ideias é tomado como desenvolvimento histórico real e, portanto, substitui esse desenvolvimento histórico, esse mesmo desenvolvimento já foi elaborado pela filosofia. Esse acerto de contas que a realidade política francesa tem de ter com a universalidade moral é um primeiro passo daquilo que Paulo Arantes chama de “dialética”, desenvolvida por Hegel e completada pela crítica de Stirner e de Marx e Engels às ideias universais, como veremos. Para reforçar essa ideia, cito novamente Paulo Arantes:

O divórcio entre a filosofia alemã e a sua circunstância próxima, que ela excede embora a reproduza, é assim responsável por alguns efeitos notáveis cuja trama está na origem da percepção do fenómeno ideológico. A começar pelo da forma. O presente político e social de que se ocupa a teoria alemã, não sendo também o seu, impõe-lhe, visado assim à distância, a formalização de conteúdos de experiência cuja urgência histórica não pode partilhar. A deformação que lhes imprime a forma filosófica pode, no entanto, redundar em conhecimento, quando menos tornando inviável o dogmatismo das representações aderentes à prática imediata dos diversos agentes sociais. Mas é só assim, fora de contexto, que se suspende este dogmatismo espontâneo, a bem dizer suspenso no vazio por falta de suporte adequado; por seu turno, as representações que integram o ideário pós-revolucionário só podem ser acolhidas isoladas dos interesses reais que a seu modo tratam de dar conta, isto é sob a forma de determinações conceituais puras — que passam a demandar agora uma fundamentação própria, sem dúvida desmesurada por força daquela separação. Multiplica-se deste modo o efeito ideológico das ideias; mas esta amplificação envolve também um efeito antagônico, pois as ideias, examinadas

¹⁵ ARANTES. *Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel: antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã*, 1996, p. 364.

agora como tais, ou seja confrontadas com o momento de verdade que pretendem exprimir, põem a descoberto os primeiros materiais da crítica.¹⁶

Após a identidade pensada por Hegel entre ser e consciência, isto é, entre a efetividade e o conceito, uma nova forma de recepção do ideário político-econômico francês surge em consequência de uma nova forma da relação entre o interior e o exterior da Alemanha, agora não mais em relação à Revolução francesa, mas em relação à Revolução de Julho de 1830. Com ela, a burguesia francesa consolida a expressão do seu interesse na criação do circuito dos intelectuais políticos, dos juristas e dos filósofos franceses, responsáveis, agora, pela produção do ideário político francês liberal. O contato dos filósofos e políticos alemães com o liberalismo francês entra em choque, mais uma vez, com a ausência de uma classe política formada que o corresponda (na Alemanha, há apenas o pequeno burguês), o que gera, assim, um cenário em que as ideias universais (humanidade, liberdade, igualdade, Razão, Direito, entre outras) se transformam em “fraseologia especulativa”, segundo Arantes.¹⁷ A ideia pura da filosofia alemã que era contraposta em Kant à realidade francesa é contraposta agora na filosofia dos jovens hegelianos à própria realidade alemã (havia uma série de discussões em torno da promessa de uma Constituição prussiana nos anos 1830 e 1840 que, contudo, incidiram sobre a religião). Esse novo acerto de contas da ideia com a realidade resulta, assim, na concepção de que as ideias dominam a realidade, desembocando numa discussão fraseológica.

Em Stirner, a dominação por meio das ideias passa a ser combatida em seu livro *O Único e sua propriedade*, publicado em 1844. Dedicado à luta contra a hierarquia, ou seja, à luta contra a independência da ideia em relação aos indivíduos, Stirner pretende apropriar-se, tornar sua propriedade, tudo o que lhe for alienado. As causas da liberdade, do “Homem”, de Deus, da verdade, da justiça (que considera como sagrados, ideias fixas, obsessões, fantasmas), e a propriedade burguesa que, em última análise, é para ele propriedade do Estado, devem ser incorporadas a fim de que sejam dissolvidas enquanto poder estranho ao próprio Eu, isto é, para que o Eu deixe de ser alienado. A crítica das ideias universais de Stirner, para Paulo Arantes, reconhece o exagero da universalidade das ideias na Alemanha ao se opor a elas (assim como a crítica da ideologia de Marx). No entanto, a oposição de Stirner recai em uma espécie de negação indeterminada, já que opõe, ao domínio das ideias, uma nova ideia, o Eu:

¹⁶ ARANTES, Paulo E. **Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel: antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã**, 1996, pp. 364-365.

¹⁷ ARANTES, Paulo E. **Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel: antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã**, 1996, pp. 368-369.

Direito, Razão, Liberdade etc. são apenas palavras, cujo poder, segundo Stirner, sucede ao das coisas, assim como este outro, desmesurado, o de uma convicção, na verdade é o de uma palavra; e criticá-las é demonstrar-lhes a nulidade, dissolvendo-as no nada em que se resolve o consumo generalizado.¹⁸

Por outro lado, a crítica dos universais realizada por Stirner abre caminho para a crítica da ideologia de Marx e Engels na medida em que se trata também de uma crítica da universalidade das ideias da filosofia alemã. Agora não se trata de rejeitar as ideias universais negando seu domínio, mas em compreendê-las como ideológicas, remetendo-as à sua origem – que ela expressa idealmente – de um ponto de vista exterior a elas. Assim, a universalidade ideológica das ideias na Alemanha permite a crítica da realidade em um sentido inverso daquele pensado por Kant: não se busca um acerto de contas da realidade em relação à ideia, mas da ideia em relação à realidade dentro de um quadro econômico histórico-mundial, isto é, um quadro em que a mediação entre interior e exterior da Alemanha se mostra central. Longe de o assim chamado materialismo histórico se constituir como uma saída definitiva da filosofia, esse acertar as contas dialético entre as ideias e as coisas parece parte constituinte da crítica da ideologia. O atraso alemão não é reduzido à miséria alemã que dá origem à profundidade ideológica, mas se mostra, como condição da crítica da ideologia, mediação entre o interior da Alemanha e seu exterior.

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. Campinas: Editora Unicamp, 2015.
- ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental: nas trilhas do materialismo histórico**. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ARANTES, Paulo E. **Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel: antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- ARNDT, Andreas. **Karl Marx: Versuch über den Zusammenhang seiner Theorie**. Berlin: Akademie Verlag, 2012.
- ARNDT, Andreas. **Dialektik und Reflexion: Zur Rekonstruktion des Vernunftbegriffs**. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1994.

¹⁸ ARANTES, Paulo E. **Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel: antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 369.

- AVINERI, Shlomo. **The social and political thought of Karl Marx**. Londres: Cambridge University Press, 1968.
- BALIBAR, Étienne. **A filosofia de Marx**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1995.
- BALIBAR, Étienne. Sobre os conceitos fundamentais do materialismo histórico. ALTHUSSER, Louis (et al.). **Ler O Capital, vol 2**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.
- CAUX, Luiz Philipe de; CATALANI, Felipe. A passagem do dois ao zero: dualidade e desintegração no pensamento dialético brasileiro (Paulo Arantes, leitor de Roberto Schwarz). In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 74, pp. 119-146, dez. 2019.
- HUBMANN, Gerald. Da política à filologia: a Marx-Engels Gesamtausgabe. Trad. Jorge Grespan. **Crítica Marxista**, volume 34, 2012.
- HUBMANN, Gerald; PAGEL, Ulrich. (ed.) **Marx-Engels-Jahrbuch 2017/18**. Berlim: Walter De Gruyter, 2018.
- HUBMANN, Gerald; PAGEL, Ulrich. Introdução (editorial) da Ideologia Alemã – Para a crítica da filosofia. Trad. Olavo Ximenes. **Dissonância: Revista de Teoria Crítica**, v.2 n.2, 2º semestre de 2018b, pp. 334-360.
- JOHNSON, Sarah. “Os primórdios de ‘modo de produção’ de Karl Marx”. Tradução de Olavo Antunes de Aguiar Ximenes. **Dissonância: Revista de Teoria Crítica**, v. 2 n. 2, 2º semestre de 2018, pp. 361-434.
- JOHNSON, Sarah. “Farewell to The German Ideology”. In: **Journal of the History of Ideas**, Volume 83, Number 1, jan. 2022. University of Pennsylvania Press, 2022.
- LARRAIN, Jorge. **Marxism and Ideology**. Londres: The MacMillan Press, 1983.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Marx-Engels Gesamtausgabe. Erste Abteilung: Werke, Artikel, Entwürfe, Band 5: Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke**. Ed. U. Pagel, G. Hubmann, C. Weckwerth. Berlim: Walter de Gruyter, 2017 (MEGA² I/5).
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **A sagrada família**. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARXHAUSEN, Thomas. História crítica das Obras completas de Marx e Engels (MEGA). Tradução de Nélio Schneider e Jorge Grespan. **Crítica Marxista**, Campinas, n.39, pp. 95-124, 2014.
- MÉSZÁROS, István. **The power of ideology**. Londres: Zed Books, 2005.
- PAGEL, Ulrich. **Der Einzige und der deutsche Ideologie: Transformationen des aufklärerischen Diskurses im Vormärz**. Berlim: De Gruyter, 2020.
- OLVEIRA, Pedro Rocha de. Gênese e estrutura do *Fio da Meada*: um panorama da obra de Paulo Arantes. In: **Dissertatio**, v. 3, 2021, pp. 101-143.

- SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2012.
- STIRNER, Max. **O único e sua propriedade**. Tradução de João Barrento. Lisboa: Antígona, 2004.
- STIRNER, Max. **Der Einzige und sein Eigentum**. Munique: Verlag Karl Alber, 2016.
- TERRA, Ricardo. **A política tensa: ideia e realidade na filosofia da história de Kant**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.
- WECKWERTH, Christine. Kritik an Feuerbach und Kritik der Feuerbach-Kritiker. In: Bluhm, Harald. (org.) **Karl Marx / Friedrich Engels: Die Deutsche Ideologie**. Berlin: Akademie Verlag, 2010.

RECEBIDO EM 30/04/2024

ACEITO EM 17/06/2024